



## Espectros nos versos: Por uma leitura derridiana do poema “Cemitério Marinho” de Edimilson Pereira

*Spectra in the verses:  
For a Derridian reading of the poem “Cemitério Marinho” by Edimilson Pereira*

*Espectros en los versos:  
Para una lectura derridiana del poema “Cemitério Marinho” de Edimilson Pereira*

Helano Jader Ribeiro<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Jeean Karlos Souza Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Dossiê

### RESUMO

Neste trabalho, propomos uma leitura da primeira cena do poema “Cemitério Marinho”, de Edimilson de Almeida Pereira (2019). Tal leitura foi embasada nas ideias de espectros contidas no livro *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional* (DERRIDA, 1994). De forma similar aos espectros do comunismo, os espectros do processo colonial estão presentes e ausentes no contexto das bandas de cá. São, em outras palavras, os espectros da morte ou espectros da colonialidade (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020). O poema, neste contexto, atribui sentido ao processo diaspórico. Sobre esse tema, as considerações de Simas e Rufina (2019) foram a base teórica. Como Edimilson é considerado um poeta contemporâneo, o fulcro teórico parte de Siscar (2010) que, num movimento similar ao do filósofo argelino, discorre acerca dos fantasmas que volta e meia nos assombra.

**Palavras-chave:** Poesia afro-brasileira; Edimilson Pereira; Derrida; Espectros.

### ABSTRACT

In this work, we propose a reading of the first scene of the poem “Cemitério Marinho”, by Edimilson de Almeida Pereira (2019). This reading was based on the ideas of specters contained in the book *Specters of Marx: The State of Debt, the Work of Mourning and the New International* (DERRIDA, 1994). Similar to the specters of communism, the specters of the colonial process are present and absent in the context from here. They are, in other words, the specters of death or specters of coloniality (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020). The poem, in this context, makes sense of the diasporic process. On this theme, the considerations of

<sup>1</sup>Trabalha como Professor Adjunto no Curso de Bacharelado em Tradução na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolve trabalhos de literatura e teoria crítica dentro das temáticas: literatura e imagem, otobiografias e otificções, tradução e messianismo em Walter Benjamin. Publicou traduções de textos de autores de línguas alemã e francesa, tais como, Walter Benjamin, Carl Einstein e Georges Didi-Huberman. <https://orcid.org/0000-0003-0192-0397> Endereço eletrônico: [hjcribeiro@gmail.com](mailto:hjcribeiro@gmail.com)

<sup>2</sup>Atualmente é Mestre em Literatura, Cultura e Tradução, pela Universidade Federal de Pelotas. Desenvolve trabalhos nas linhas de epistemologias negras, literatura afro-brasileira e mitologia banto/iorubá. <https://orcid.org/0000-0001-8588-0956> Endereço eletrônico: [jeeankarlos@hotmail.com](mailto:jeeankarlos@hotmail.com)



Simas and Rufina (2019) were the theoretical basis. As Edmilson is considered a contemporary poet, the theoretical fulcrum comes from Siscar (2010) who, in a movement similar to that of the Algerian philosopher, talks about the ghosts that haunt us from time to time.

**Keywords:** Afro-Brazilian poetry; Edmilson Pereira; Derrida; Specters.

## RESUMEN

En este trabajo proponemos la lectura de la primera escena del poema “Cemitério Marinho”, de Edmilson de Almeida Pereira (2019). Dicha lectura se basó en las ideas de los espectros contenidas en el libro Espectros de Marx: el estado de la deuda, el trabajo de duelo y la nueva Internacional (DERRIDA, 1994). Al igual que los espectros del comunismo, los espectros del proceso colonial están presentes y ausentes por aquí. Son, en otras palabras, los espectros de la muerte o los espectros de la colonialidad (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020). El poema, en este contexto, da sentido al proceso diaspórico. Sobre este tema, las consideraciones de Simas y Rufina (2019) fueron la base teórica. Como Edmilson es considerado un poeta contemporáneo, el punto de apoyo teórico proviene de Siscar (2010) quien, en un movimiento similar al del filósofo argelino, habla de los fantasmas que nos acechan de vez en cuando.

**Palabras clave:** Poesía afrobrasileña; Edmilson Pereira; Derrida; Espectros.

## Introdução

Espectros/ fantasmas nos rodeiam, não os vemos mas sim lemo-los. Neste artigo, propomos uma leitura da primeira parte do poema “Cemitério Marinho”, de Edmilson de Almeida Pereira a partir das considerações de Derrida em “Espectros de Marx” (1994). Nesta obra, o autor considera que os espectros do comunismo assombram a Europa, são fantasmas presentes e ausentes simultaneamente. Nas bandas de cá, assim como ocorre no continente europeu, outros espectros nunca nos deixaram; estão ali e acolá, tropeçamos em seus rastros, são os espectros do período colonial contidos na forma do desenrolar das políticas públicas, como o racismo ainda está tão arraigado nas mentalidades, como uma policia discriminatória prossegue em seu *modus operandi*. Tudo isso é uma herança indesejável lá do Brasil colônia. Esse período assistiu à máquina colonial desumana, sem proposta com a vida e sempre mantendo o seu pacto com a necropolítica, tornando a diáspora africana uma das maiores injustiças sociais já vista no mundo. O êxodo em massa forçou então os povos africanos a terem uma experiência traumática, as expressões artísticas surgem como válvula de escape diante do tormento sejam elas o *blues* e o samba sejam a poesia. Para este trabalho, selecionamos o poema “Cemitério Marinho”. O eu lírico expressa o percurso de sua travessia torturante no período da escravidão. O autor é natural de Juiz de Fora, Minas Gerais. Sua carreira como poeta iniciou quando tinha apenas 22 anos, com o lançamento do livro “Dormundo” (1985). O poeta, desde aquele ano, se mostrou prolífico em suas publicações que

tratam dos temas da cultura banto e iorubá, oralidade, diáspora e religiosidade de matriz africana. Com a vasta publicação, veio o reconhecimento, dessa forma, ao longo de sua carreira, Edimilson coleciona vários prêmios.

Sua poesia produz então sentidos para nossa existência, trabalha com uma escritura que “fere a sintaxe” (PEREIRA, 2019, p. 98). Carrega a memória da experiência diaspórica, atuando como bálsamo para cicatrizar as feridas ainda expostas por aquele processo.

## 1. Processo diaspórico

A travessia se constituiu como uma tormenta para aqueles que estavam trancafiados no porão dos navios negreiros. A sua condição humana foi suspensa ao dar lugar ao lucro para os colonizadores, portanto, os escravizados eram apenas mercadoria e de algum modo até mesmo descartáveis, pois era comum atirar os corpos ao mar e outros eram jogados ainda com vida. Ribeiro (1996) relata os diferentes tipos de travessia, segundo à autora, os portugueses eram mais “humanos” e antes de zarparem os alimentavam de forma reforçada, dessa forma, poucos escravizados morriam na travessia. Isso, contudo, não ocorria nos negreiros holandeses e aí as baixas eram maiores comparando com os portugueses.

Aos que conseguiam chegar com vida no outro lado do Atlântico, a situação traumática continuava: iriam trabalhar por anos sem dignidade de modo sempre subjugados aos patrões das fazendas, tendo suas vidas ceifadas nas lavouras de café, cana de açúcar etc. Ribeiro (1996, p. 126) descreve como se dava um dia comum no mercado escravocrata:

Nas imediações do porto a expectativa da chegada das embarcações, já avistadas ao longe, era grande. Desencadeava-se grande movimento. Oficiais da Fazenda, mercadores locais e, principalmente o feitor do contrato, preparavam-se para agir. As pessoas, consideradas peças, eram então lançadas à praia e depois de conferidas, encaminhadas aos alojamentos. Mal podiam andar, de tão debilitadas. Durante dias, antes de serem postas a venda, recebiam cuidados, uma vez que o preço dependia do estado de cada uma, fosse criança, moleque, jovem ou adulto, homem ou mulher. Nas Ordenações do Reino, influenciadas pela legislação romana, o escravo, considerado bem móvel semelhante a qualquer objeto, diferenciava-se dos objetos por ser alma vivente. Podiam ser avaliados por peça ou por medida. Se avaliados por medida linear, de volume ou peso, entravam na contagem pessoas de todas as idades e estaturas.



Ali no mercado, as pessoas eram expostas e o valor era atribuído. Desconsideravam suas etnias, seus saberes e religiões. É daí que vêm os espectros e o lermo-lo na poesia de Pereira. Essa poesia então guia, nomeia, destrói as estruturas, propõe outras leituras, desnatura o “normal”, ela dá sentido às experiências, e a diáspora, portanto, se constituiu uma experiência traumática que ainda causa danos, conforme escreve Edimilson:

Quando o autor que se exprime é um sujeito negro, o texto se impõe a partir daquilo que se vivencia como um sujeito negro da história, destacando-se aí a necessidade de se atualizar uma gama de discursos que a diáspora, a escravidão e a violência impediram de germinar (PEREIRA, 2010, p. 330-331).

Para o poeta, o autor negro tem uma vivência que necessita para germinar os discursos enterrados pela injustiça histórica, a poesia abre terreno em que sua linguagem cria sentidos. Tais sentidos vêm das heranças coloniais, Simas e Rufino (2019, p. 17) questionam as heranças indesejáveis do colonialismo:

O que herdamos durante mais de cinco séculos de implantação de um estado de terror? Perguntas que não são fáceis de serem respondidas ou sequer podem ser, mas que tencionam as nossas subjetividades para que se engatilhem ações rebeldes e não nos contemos com a naturalização da barbárie imposta. Dessa forma, a invocação é para que nossas existências, em sua multiplicidade, ao serem interrogadas, substanciem inconformismo e que nossos atos transgridam os padrões aqui implantados, nos reconstruindo enquanto seres.

O colonialismo, então, engatilhou a diáspora. Depois de sua aparente queda, surgiu uma nova configuração de mundo: a globalização. Aí, o neoliberalismo torna-se regra. Nesse contexto, está o Negro e a raça. Mbembe (2014) concebe uma nova categoria para compreendê-los, em suas palavras:

Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapontamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A este novo carácter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o *devenir-negro* do mundo (MBEMBE, 2014, p. 18).

O conceito de Mbembe traduz a experiência coletiva, que se inicia na diáspora e desemboca no mundo contemporâneo neoliberal, onde o *devenir-negro* é a diluição da condição

de grupos subalternos. Ao propormos essa leitura, como fica evidente, partimos do passado colonial, assim, consideramos o passado como um processo fundamental para entender o *status quo*. Nesse sentido, entramos em consonância com o comentário de Siscar (2016, p. 69): “o passado está latente no que quer que façamos; volta como fantasma [...]”. Esse fantasma é um espectro que nos assombra, urge, portanto, uma atitude nossa: exorcizá-lo, aprender ou ensinar com ele (NASCIMENTO; NAMBÁ, 2020). Siscar prefere os dois últimos verbos.

## 2. Aprender e ensinar com os espectros

Siscar (2010) afirma que o mais interessante do passado é aquilo imperdoável:

Não quero dizer, evidentemente, que precisamos redimir o passado, voltar a ele, entendê-lo enfim; nem sequer quero dizer que precisamos aprender a perdoá-lo. Não há retorno, assim como não há absolvição: não se trata de perdoar aquilo que é perdoável, uma vez que sendo suscetível de perdão já está perdoado de antemão. Quero dizer que o que interessa no passado é aquilo que ele tem de imperdoável, aquilo que nos constitui tal como somos, o qual nos cabe colocar em perspectiva. Então, não basta fazer oposição aos erros das ‘gerações anteriores’, ao seu radicalismo, declarar o tédio diante da repetição e reativar as mesmas estratégias, adaptando-se às novas referências culturais e éticas, aos novos entusiasmos ou aos novos pânicos de nossa época. É preciso também, ao mesmo tempo, considerar o modo pelo qual nos reinscrevemos na ordem histórica da querela entre antigos e modernos, apocalípticos e integrados, defensores do transitório e defensores do universal, ordem do mercado e ordem do cânone, e por aí vai. Talvez a própria demanda por ‘questões’ — ou por ‘grandes questões’ — no contemporâneo, a demanda de preocupação ética, a demanda de critérios (estéticos ou outros), sejam formas de reação a isso, a esse enfado que nos faz saltar etapas. (SISCAR, 2016, p. 70).

O autor então considera o passado para entender a poesia no mundo atual, o seu trabalho de crítica poética se mostra importante para compreender a obra de Edimilson; seus poemas, em seu turno, tratam dos espectros do passado e conseqüentemente refletem na estética de seu texto. A poesia de Pereira portanto emerge daí e gera incômodo, é um campo discursivo e crítico, conforme escreve Siscar: “A poesia torna-se o nome daquele lugar discursivo em que a linguagem crítica obsessivamente manifesta um questionamento sobre a situação contemporânea” (SISCAR, 2010, p. 176). A situação contemporânea, nos textos poéticos de Edimilson, é acompanhada por orixás e imaginário banto e yorubá. Nesse sentido,



seu texto poético é também um exercício de visualizar o passado.

O lance de olhar o passado é realizado por Derrida no livro “Espectros de Marx” (1994, p. 17), ao perceber os espectros de comunismo pairados na Europa, o autor escreve “espectros” no plural diverge do “Manifesto Comunista”, pois para o autor são

Os espectros de Marx. Por que esse plural? Haveria mais de um? *Mais de um*, isso pode significar uma multidão, quando não massas, a horda ou a sociedade, ou então uma população qualquer de fantasmas com o seu povo, tal comunidade com ou sem chefe mas também o *menos de um* da pura e simples dispersão.

De fato, alguns, hoje em dia, embalados numa histeria coletiva, pensam que o comunismo vai dominar o Brasil, destituir governo, tomar suas posses e congelar suas poupanças, mesmo não tendo qualquer indício de tal guinada comunista. Os espectros expostos aqui, entretanto, são do passado escravocrata e diaspórico, esses sim assombram o nosso presente. Dessa maneira, utilizamos a metáfora inaugurada por Marx, perpetuada por Derrida: o espectro. O modo como o filósofo argelino trata o espectro do comunismo é por dualidades, isto é, vivo e morto, presente e ausente, em suas palavras:

É alguma coisa, justamente, e não se sabe se precisamente isto é, se isto existe, se isso responde por um nome e corresponde a uma essência. Não se *sabe*: não por ignorância, mas porque esse não-objeto, esse presente não presente, esse estar-aí de um ausente ou de um desaparecido não pertence mais ao saber [...] Não se sabe se está vivo ou morto. Eis aqui, ou eis ali, lá longe, uma coisa inominável ou quase [...] A coisa ainda está invisível, ela *não é nada* de visível (*I have seen nothing*), no momento em que se fala dela, e para se perguntar se ela reapareceu. Ela ainda não é nada que se possa ver quando se fala dela (DERRIDA, 1994, p. 21).

A forma como tratamos os espectros aqui se equivale. Para Derrida, os espectros do comunismo ou de Marx nunca deixam de existir, sempre nos rondando vivos e mortos simultaneamente. É similar ao que ocorre com os espectros daqui, eles estão presentes e ausentes, pairados ali e acolá assombrando nosso presente. São eles os *Specters of Colonialidade* (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020). Neste artigo, os autores nomeiam espectros da colonialidade para compreender o presente, fruto de uma história traumática e violenta, iniciada no ano 1492, quando os europeus chegaram às Américas e, presunçosamente, anunciaram o seu “descobrimento”, o espectro é da morte, portanto,

os europeus produziram um narcisismo e um etnocentrismo impossíveis de medir. A aterrissagem de 1492 marcou a chegada da morte, do espectro da morte. Na verdade, seria mais adequado dizer: de uma falange de espectros. Entre esses fantasmas e espectros, chegaram não só os homens europeus, mas toda uma gama de valores, ideais, modos de vida, modelos, conceitos, pensamentos, práticas, artes, religiões, ciências, etc., todos comprometidos com um devir que iria repetir e se reencontrar até os dias atuais, buscando manter aquele suposto primeiro fundamento (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020, p. 164).<sup>3</sup>

Desde a chegada dos europeus, o espectro da morte então ronda as Américas, no contexto nacional, a herança desse espectro é a polícia. Essa herança indesejada da colônia se manifesta, pois, na violência da polícia urbana. Assim,

O elemento da violência policial, disfarçado pelo sintagma de ‘segurança pública’, faz funcionar a colonialidade do poder, integrando o racismo e a opressão do trabalho nas estratégias de dominação. A polícia mata ou prende em condições penitenciárias semelhantes à morte em vida e em ambos os casos há uma naturalização dessa morte como parte da vida das pessoas a que se destina esta violência, como se morrer fosse realmente o único destino que o futuro pode oferecer àqueles a quem a única existência atribuída é hauntológica (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020, p. 153).<sup>4</sup>

A forma truculenta da polícia é o espectro da morte contemporâneo, ele persiste nas velhas práticas racistas e segregacionistas do império português. Para conversar com os espectros a poesia comparece e então atribui sentido ao passado, futuro e presente. Através dela, portanto, aprendemos e ensinamos com os espectros. Os poemas de Edimilson, pois, tratam disso.

Escolhemos o poema: “Cemitério Marinho”. Esse poema é contextualizado no processo colonial escravocrata no Brasil, e, do mesmo modo como a expectativa de Derrida

<sup>3</sup> *Therefore, the Europeans produced a narcissism and an ethnocentrism impossible to measure. The 1492 landing marked the arrival of death, of death’s specter. Indeed, it would be more adequate to say: of a phalanx of specters. Among those ghosts and specters, there arrived not only European men, but a whole range of values, ideals, ways of living, models, concepts, thoughts, practices, arts, religions, sciences, etc., all committed to a becoming that would repeat and re-found itself until the present day, seeking to maintain that supposed first foundation (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020, p. 164).*

<sup>4</sup> *The element of police violence, disguised by the syntagma of ‘public security,’ makes the coloniality of power work, integrating racism and the oppression of labour in strategies of domination. The police kill or arrest in penitentiary conditions similar to death in life and in both cases there is a naturalization of this death as a part of the life of the people to which this violence destines itself, as if dying were really the only destiny that the future can offer to those to whom the only existence attributed is hauntological (RODRIGUES; HADDOCK-LOBO; MORAES, 2020, p. 153).*



foi atendida ao reler “Manifesto Comunista”: “Eu bem sabia que nele um fantasma esperava, e desde a abertura, desde o correr da cortina” (1994, p. 18), os fantasmas/ espectros do passado diaspórico nos aguardavam nesse poema. Exibimos a primeira cena:

#### CENA 1

: embarcados, como  
avaliar a tempestade

não é fora que a lâmina  
arruína, mas  
nas veias

o grito (lagarto que  
os dias emagrecem)  
insulta a diversão  
do escorbuto

onde uma perna  
outra  
lista de mercadorias  
que valessem  
peça  
por  
peça

nesse cômodo  
mal se tira a costela  
e a morte instala sua  
força-tarefa

no vermelho da hora  
um baque  
outro  
espanto, deveras

o corpo  
— o que expõe em mulher  
ou guelra  
exasperado?

: embarcados, às vezes  
nos desembarcam

antes da ilha, em meio  
às ondas  
como sacos de aniagem

entregues ao calunga  
grande, o que resta?



uma  
cilada, outro revés?  
  
à  
superfície um brigue  
é  
o  
que  
é [...] (PEREIRA, 2019, p. 134-136).

Esse poema é composto por sete partes que o autor chama de “cenas”, lembrando a um texto dramático. Cenas que passam diante de nós, os verbos no presente garantem essa proximidade. O primeiro verso começa com um adjetivo “embarcados” que, no plano lexical, tem conexão com o título, essa palavra vai moldar a atmosfera do poema bem como estabelecer relações com o que se desenrola.

Assim como o restante do poema, a “Cena 1” é sugestiva nos planos explícito e implícito. No explícito, a cena que se passa é a embarcação, que, pelo contexto da diáspora, logo deferimos que se trata dos escravizados vindos de África. Os primeiros versos sugerem uma embarcação diante da tempestade — esse substantivo dá continuidade à atmosfera proposta no início do verso, “embarcação” e “tempestade” têm proximidades, são comuns em ambiente marinho —, que não há como avaliar porque não se pode enxergar.

No plano implícito, entretanto, os significados das palavras são tensionados, aqui ocorre uma leitura profunda. O adjetivo “embarcados” é possível ler como “raptados” e “saqueados”, o substantivo “tempestade” pode ser lido no seu sentido figurado, refere-se então o problema, perigo e turbulência, assim, presos nos navios negreiros, aquelas pessoas não podiam imaginar o quão grave era a tempestade, ou seja, não podiam mensurar o perigo da travessia e o peso da escravidão.

A segunda estrofe fica mais clara com a leitura da terceira, uma vez que: a lâmina interna trata-se da hemorragia, causada pelo escorbuto. Na terceira estrofe, o grito, comparado com um lagarto de tão insignificante que ele é, perde fôlego a cada dia; grito esse de protesto e desespero, no porão do negreiro ele não tem força. A ironia presente nessa estrofe ajuda a compor a maldade do ambiente, a diversão da doença causada por falta de vitamina C remete à má alimentação, pois ela é causada por falta de frutas ricas dessa vitamina; o sangramento, a lâmina interna, pôs fim na vida de muitos que atravessaram.



Da quarta à sexta estrofe, revela-se a real condição das pessoas escravizadas, são tratadas como mercadoria. Uma vez que,

Entendia-se por peça o africano escravizado de 15 a 25 anos, com altura aproximada de 1,80m. Eram denominados molecões aqueles cuja idade variava entre 8 e 15 anos e os que estavam entre 25 e 35 anos não chegavam a constituir uma peça: era preciso reunir três deles para compor duas peças (RIBEIRO, 1996, p. 118).

Na quinta estrofe ocorre a aliteração da letra “p” “peça/ por/ peça”. Pela consoante “p” ser oclusiva bilabial surda, o grito do poema ressoa nessa estrofe, sua fonação surda abafa o pedido de socorro. Além do estrato auditivo, o estrato visual chama atenção, o modo como essa estrofe está distribuída remete às peças de moeda caindo.

Na estrofe seis, o cômodo que já estava presente, agora fica explícito, longe de ser um cômodo de casa convencional, mas sim o porão do navio negreiro em que as pessoas são tratadas como mercadoria, a morte se instaura. Assim, a metáfora da estrofe seguinte “no vermelho da hora” recebe sentido, é, pois, sobre a morte; o baque pode ser entendido como cair do corpo, como a estrofe seguinte deixa claro, a guelra é sobre os corpos que são jogados no oceano.

As estrofes oito a dez são permeadas por eufemismo e metáfora para a morte, dessa forma, essas figuras de linguagem se conectam ao título do poema, “Cemitério Marinho”. O primeiro verso da oitava estrofe é um eco do verso que abre o poema, ela nos lembra da embarcação forçada, agora, entretanto, acontece o inverso, são desembarcados, uma metáfora para a morte. Aqui mais uma vez, o plano implícito é bem sugestivo, a palavra “desembarcar” significa que a viagem chegou ao fim, desse modo, as pessoas descem do navio. Contudo não é essa cena que se desenrola, o desembarque, o qual o eu lírico se refere, são das pessoas atiradas em alto mar, às vezes até vivas, entregues para a morte certa. O pronome oblíquo átono “nos” remete à não-autonomia dos escravizados, ou seja, para eles não havia escolha.

As pessoas são jogadas às ondas como se fossem “sacos de aniagem”. Na décima estrofe a metáfora envolve a entidade calunga, dos bantos. Os versos “entregues ao calunga/ grande” são, portanto, outra metáfora para a morte. Segundo Schwarcz (2001, p. 227): “Calunga grande é o mar, a enormidade de seu destino e de seu horizonte”. Calunga também é a divindade dos bantos que representa o mar e a morte (PEREIRA; ALEIXO, 2004, p. 45).

Nesse poema, Calunga grande é o mar que recebe os corpos. Ainda nessa estrofe, duas perguntas retóricas são feitas: “o que resta?/ [...] outro revés?” elas somam à carga negativa que o poema constrói e se intensifica nas figuras de linguagem. Afinal, o que resta a alguém que é entregue a calunga, a última pergunta parece responder, “um revés”, isso é, uma má sorte. Na última estrofe, o eu lírico descreve a última imagem que o atirado no mar vê, um brigue na superfície, ou seja, um navio movido à vela. O encavalamento dos últimos versos “é/ o/ que/ é” enfatiza o tom determinista daquela situação imposta.

Os embarcados fizeram a travessia pelo Atlântico negro, são os heróis da resistência até hoje. O calunga grande é lugar de um “epicentro de uma nova concatenação de mundos, o lugar de onde emergiu uma nova consciência planetária” (MBEMBE, 2014, p. 31). Essa consciência possui sabedoria ancestral e sobreviveu de forma heroica, aqui entro em consonância com Ford:

se a experiência dos afrodescendentes pudesse ser reduzida a um só personagem, como seria a vida dela? Trágica, sofrida, triste, singular, arriscada, queixosa, triunfante? Tudo isso estaria correto em épocas diferentes. Porém, vem a todo momento, como o insistente movimento das ondas, a palavra *heroica*. A princípio ela me parece estranha, porque sinto nossa história em grande parte como uma tragédia imensurável. Mas, ao refletir sobre a sobrevivência da minha personagem à Travessia, vem à mente, “uma viagem por um oceano negro”; e ao pensar na sobrevivência ao sofrimento durante a escravidão, “a noite escura da alma”; e não é que ela entrou nas “entranhas da fera” para lutar por liberdade, justiça e igualdade na América? Essas frases denunciam a viagem de um herói (1999, p. 30).

O questionamento de Ford lança uma reflexão sobre como poderia sintetizar a vida dos escravizados. A única palavra que melhor faz isso, é “heroica”. Dessa travessia, portanto, surgem os heróis, são eles os negros e negras que enfrentaram, de forma resiliente, o regime colonial racista, e desde lá conseguiram sobreviver às adversidades impostas. Na poesia de Pereira, os heróis negros são os orixás, em “Cemitério marinho” os heróis são de carne e osso, ganham vozes mesmo no hostil porão do navio negreiro. É nessa poesia, afro-brasileira, que as marcas daquele regime permanecem, ela então se volta ao passado para compreender o presente.



## Por fim, enfim

Os espectros talvez nunca nos deixem, somos incapacitados de enxergá-los, porém a poesia nos faz lê-los. Em Edimilson Pereira, eles estão ali e acolá, acompanham a expressão das experiências dos negros e negras (PEREIRA, 2013), de uma poesia que é a voz dos ancestrais, a conexão com o passado não apenas do colonial/diaspórico, mas também do encantado, que a sociedade moderna já esqueceu há muito tempo, porém requer nossa atenção. A poesia de Pereira, então, se torna um lugar de sensibilidades, pois, estes versos nos fazem tropeçar nos fantasmas/espectros, e, assim, aprender e ensinar o que ainda nos assombram.

## Referências

- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano**: mitos da África. Trad. Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Antígona: Lisboa, 2014.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor; NAMBÁ, Tata Nkosi. Pensar desde a travessia. *In*: HADDOCK-LOBO, R. H. (org.). **Os fantasmas da colônia**: Notas de Desconstrução e Filosofia Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Poesia +** (antologia 1985-2019). São Paulo: Editora 34, 2019.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida **Blue note**: entrevista imaginada. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- RIBEIRO, Ronilda Yakemi. **Alma Africana no Brasil**. Os Iorubás. São Paulo: Oduduwa, 1996.
- RODRIGUES, Carla; HADDOCK-LOBO, Rafael; MORAES, Marcelo José Derzi. Specters of Colonialidade: A Forum on Jacques Derrida's Specters of Marx after 25 Years, Part V. **Contexto Internacional**, 42(1), 149-171, Jan/Apr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/9P3pqF8TRHJScrByRBJYpWH/?lang=en>. Acesso em: 06 de julho de 2021.
- SCHWARCZ, L. K. M. (2001). Carlos Eugênio Marcondes de Moura. A travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil. (1637-1899), São Paulo, Edusp,



2000, 694 pp. **Revista De Antropologia**, 44(2), 227-230. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000200010>.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.  
SISCAR, Marcos. **Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como *topos* da modernidades**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

Dossiê



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 03 de novembro de 2021.

**Artigo aprovado para publicação em:** 20 de novembro de 2021.